

Universidade

Livre

Telefone n.º 4322

Instruir é construir.

V. Hugo

A vida deve ser uma educação incessante sem treguas; é necessário aprender desde o nascimento até à morte.

G. HAUBERT

BOLETIM MENSAL

SUMARIO:

CONFERENCIAS E LIÇÕES

NA UNIVERSIDADE

EXCERPTOS DAS CONFERENCIAS REALISADAS PELO SNR. JOSÉ SIMÕES COELHO, AGENTE COMMERCIAL DO GOVERNO PORTUGUEZ NA AMERICA DO SUL.

O Brasil sob o ponto de vista sociologico Pag. 203

QUESTIONARIO » 215

Balancete do mês de Novembro de 1915 » 216

ANO II

N.º 23

NOVEMBRO DE 1915

LISBOA.

PROPRIETARIO: Universidade Livre.

DIRECTOR E EDITOR: J. Matos Rodrigues.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: —

— Praça Luis de Camões, 46, 2.º

Composto e impresso na Tipografia Eduardo Rosa, Rua da Madalena, 31

PREÇOS:

AVULSO, 5 CENT.

ASSINATURA ANUAL, 50 CENT.

Lições de Francês

por ALFREDO APELL



Editadas pela Universidade Livre e adotadas na sua classe de francês.

Este metodo impõe-se pelo nome do seu autor que é a melhor garantia do cuidado e orientação pedagogica que presidiu á sua elaboração.

Preço, 1 Escudo

Desconto aos socios



Universidade Livre

Cursos nocturnos e permanentes de

Português

Francês

Inglês

Contabilidade

Arithmetica

Calculo comercial

Geografia

Caligrafia

Taquigrafia

Dactilografia

Modelação

Desenho

Esperanto

CONFERENCIAS E LIÇÕES

NA UNIVERSIDADE ❧ ❧ ❧

O Brasil Contemporaneo

Excerptos das conferencias realizadas na Universidade Livre de Lisboa
em 11, 18 e 25 de Abril de 1915 pelo Snr. José Simões Coelho
Agente Commercial do Governo Portuguez na America do Sul

O BRASIL SOB O PONTO DE VISTA SOCIOLOGICO

«E melhor foi que assim acontecesse. Deus comprehendendo toda a tristeza daquelle grande espirito, houve compaixão dele chamando-o para si. O illustre governador augurava já, nos ultimos anos de sua honrada administração, muito mal das coisas do Brasil, e peor ainda das do reino, pela corrupção tremenda que assoberbava a mãe patria, a ponto desta se deixar aniquilar sem reagir por qualquer forma contra a fatalidade inexoravel que lhe contára os dias.» ¹

Mem de Sá morreu quando os bandidos que infestavam o trôno de Portugal o entregaram a Castela. A patria agonisava. O Cardeal D. Henrique exalou o ultimo suspiro envolvido na mortalha da nacionalidade. Entrára D. Filipe II em Tomar. O poder filipino durou uma eternidade de sessenta anos.

A bandeira castelhana desafiava os ventos portuguezes. Ruflando nas capitánias insultava a dignidade colo-

¹ *O Brasil* (Colonisação e imigração) Augusto Carvalho, pag. 43.

nial. Lá como cá houve heroes que sacudiram o dominio estrangeiro. Portuguezes e brasileiros natos só reconheciam o pendão das quinas. Não concebiam pudesse outro flamejar no tópe dos seus navios, nas ameias dos seus castelos. As guerras com a Holanda são demonstrações de brio lusitano, pouco atreito a acatar belicosos impetos de conquistadores defezos.

Esses sessenta anos deveriam influir poderosamente nos destinos do Brasil.

Portugal estrebuxava nas garras castelhanas. Como pouco era o tempo para a Espanha se livrar do seu maior inimigo, a Holanda, a principal possessão lusitana sofria do olhar ambicioso das gentes mais civilisadoras de então: os holandêses.

Minhas senhoras e meus senhores: a Holanda está de tal maneira ligada á historia do Brasil, que é justo V. Ex.^{as} atenderem um pouco no papel preponderante que ela teve no desenvolvimento brasileiro. E' um dos periodos mais brilhantes do mundo sul — americano e, porventura, o menos odioso.

Oitenta anos depois de os portuguezes haverem descoberto o Brasil (1580), já as expedições da chamada então Republica das Sete Provincias Unidas espreitavam as costas brasileiras. Limitavam-se a uma cabotagem simples e despretenciosa. Iam aos poucos, como quem não quer a coisa... Um belo dia a Republica declara guerra á Espanha, detentora dos melhores mares, provida dos melhores navios. Todos os portos da America do Sul foram fechados aos holandêses. De nada valeu a Castela essa prohibição. A Holanda fortificara-se intelientemente e soubera crear simpatias entre os indios. Como não ser assim, se a Espanha ao impôr a sua fé exterminára povoações inteiras de indigenas? A reacção havia dar-se, e deu-se resultando-lhe perder aquele fastigio que a celebrisára, cedendo o logar á Holanda progressiva.

De todos os povos brasileiros coube a sorte ao pernambucano de conhecer, intimamente, a civilisação holandêsa.

Era capitão-mór de Pernambuco o valoroso Matias de Albuquerque. Portuguez extremado, obtivera do governo espanhol «para resistir á invasão tres caravelas e 27 soldados!» Fez quanto pôde, como homem de character que era, mas não teve remedio senão entregar-se, depois

de lutas tremendas em que, por vezes, os holandêses não levaram a melhor.

O certo é que o espirito critico dos habitantes vira ser muito mais liberal e branda a justiça holandêsa. Isso era meio caminho andado para a conquista. Os holandêses tomaram a capitania e começaram logo a provar aos despotas europeus como se educa um povo.

V

Exgotados os recursos persuasivos ou violentos de cativar o indio surgiu a escravatura negra, que, aliás já vinha das descobertas. Adaptou-se ao Brasil. O nosso Vieira foi um dos seus acérrimos defensores afirmando do pulpito «não haver nação que começasse sem escravos.» Dominou o trafico por via das minas de ouro. Des-enrolou-se a acção ignobil de uma tragedia vil. A' medida que o ouro irrompia da terra, a exportação do negro aumentava.

«As pepitas de ouro apareciam num leito de cascalho ferruginoso entre a rocha e a camada exterior de terra vegetal. Durante a séca limpava-se o chão, descobria-se o cascalho e amontoava-se. Logo que as chuvas apareciam começava a lavagem. Formava-se um trôno em largos degraus, pouco altos: no cimo, o cascalho que a agua, precipitando-se em cataratas, arrastava consigo. Em cada degrau, negros com pás recobriam a terra com a agua; e o lodo, assim formado, ia cair numa vala aberta na base do trôno do ouro. Lavado o monte de cascalho, estava terminada a primeira parte da operação. Cortavam-se as aguas, recobriam-se os lodos, de sobre os degraus e do fundo da vala. Os negros tomavam as gamelas onde os cirandavam, agitando-os a braço; e á maneira que iam vasando a lama estéril, iam aparecendo no fundo das gamelas as palhetas luzentes: uma tão leves que flutuavam, outras como ervilhas: como feijões. D'aí as levavam a secar, depois á fundição onde eram pezadas, ensaiadas, fundidas em barra, timbradas para poderem correr. Todo o ouro procedia de aluviões, e outro tanto sucedia aos diamantes.

«O Jequitinhonha foi um dos cursos fluviaes mais

abundantes em pedras preciosas. Para as sacar do leito do rio, cortavam-no a certa altura, desviando as águas por um canal, no tempo das sécas. Por meio de caixões e bombas se conseguia pôr a nú a camada de cascalho quartzoso que as areias cobriam. Retiravam-no, amontoavam-no, esperando a estação das chuvas. A instalação de uma oficina de cascalho consistia num abrigo de madeira coberto por um tecto de rama, sob o qual se estendiam longitudinalmente as caixas de lavagem. Por detrás delas corria uma vala de água e cada caixa descia com uma inclinação suave. Distribuída a porção conveniente de cascalho, a vala fornecia a água, na qual, com um rodo, o escravo lavava o brogão. A' frente dos negros, sentados em bancos altos *sem braços nem costas*, os inspectores vigiavam o trabalho para evitar os furtos.

«A avidez do olhar valia tudo. Quando, por entre o remechar dos calháus já limpos de terra, a vista perspicaz do negro descobria o faiscar de um diamante, o pobre erguia-se, batia as mãos, mostrando a pedra entre o polegar e o index num gaudío infantil: um diamante! E' que se a pedra pezasse dezesete caracts, estava fôrro; e era levado, como um deus, coroado de flôres, nos braços dos companheiros de trabalho.» ¹

A descoberta das minas, sendo um caso fortuito, teve para o Brasil uma vantagem primacial; para a metrópole foi o começo da ruína, por ser o início duma civilização falha de escrúpulos e soberanamente ridícula. Portugal recebendo o ouro alentou uma faustosa vida de aparência. D. João V pagou com o «trabalho suado de escravos vis» a construção magnificente do convento de Mafra, e esbanjou fortunas, creando a *ordem dos perdulários*... O Brasil deve ás pepitas de ouro irrompendo do seu solo fecundo a rápida definição da sua nacionalidade.

Entrementes, o Marquez de Pombal regulava em 1757 a libertação dos indios, velha aspiração que só ele realizou. Restituiu a essa multidão de infelizes, todas as imunidades que lhe haviam sido roubadas, despertando neles o sentimento da propria dignidade. O grande estadista, expulsando os jesuitas, libertou o Brasil da sua onipo-

¹ *Brazil e Colonias*, Oliveira Martins, pag. 81 e 82.

tencia simuladora. Deu á grandiosa colonia, «a firmeza de administração, a melhoria de justiça, o progresso de instrução.» A inspiração do poder civil supriu as necessidades de todas as culturas. Aceleraram-se as correntes civilisadoras. Os governadores representavam a politica oportunista da metrópole.

Pombal caíra açoitado pela sua propria demagogia!

Quando se deu a invasão francêsa vivia-se do Brasil. As minas haviam enriquecido os descendentes dos empanturrados pelas especiarias do Oriente. Não se comprehendia que em terras de Santa Cruz podesse alguém bradar pela independencia do seu país, farto dos desmandos da metrópole, cada vez mais madrasta para os destinos de um país autonomo. As insolencias dos governantes, os vexames quotidianos que os filhos do Brasil sofriam deveriam de produzir uma reacção formidavel. Não se admitia que além Oceano se estudasse outra materia que não fosse o latim! Ou não fosse Portugal viveiro de roupetas!...

Estrangeiro illustre que demandasse a «terra dos papagaios» sofria dissabores ridiculos. O episodio de Humboldt, o grandio scientista, é elucidativo como monumento de imbecilidade humana! E' melhor lêr na integra a ordem régia:

«Para D. Francisco de Sousa Coutinho, governador e capitão-general do Grão-Pará. — O Principe Regente Nosso Senhor manda participar a V. S.^a, que na *Gazeta da Colonia* do primeiro de abril do presente ano se publicou, que um tal barão de Humboldt, natural de Berlim havia viajado pelo interior da America, tendo mandado algumas observações geograficas dos países, por onde tem decorrido, as quaes serviram para corrigir alguns defeitos dos mapas, e cartas geograficas e topograficas, tendo feito uma colecção de 1.500 plantas novas, determinando-se a dirigir sua viagem pelas partes superiores da capitania do Maranhão, a fim de examinar regiões desertas, e desconhecidas até agora a todos os naturalistas; e porque em tão criticas circumstancias, e no estado actual das coisas, se faz suspeita a viagem de um tal estrangeiro, que debaixo de especiosos pretextos, talvez procure em conjunturas tão melindrosas e arriscadas surpreender, e tentar com novas ideias de falsos e capciosos principios os animos dos povos, seus fieis vassallos existentes nesses

vastos dominios, além de que pesar nas leis existentes de S. A. R. é proibida a entrada nos seus dominios a todo e qualquer estrangeiro não autorisado com especiaes ordens de S. magestade: Ordena mui expressamente o mesmo Augusto Senhor, que V. S.^a faça examinar com a maior exacção e escrupulo se com efeito o dito barão de Humboldt, ou outro qualquer viajante estrangeiro tem viajado, ou actualmente viaja pelos territorios dessa capitania, pois que seria sumamente prejudicial aos interesses politicos da corôa de Portugal, se se verificassem semelhantes factos; e confia S. A. R. que V. S.^a pelo seu zelo e eficaz desvelo, empregará em um negocio de tanta importancia toda aquella destreza e sagacidade que é de esperar das luzes e da circumspecção de V. S.^a pelo bem do seu real serviço; precavendo V. de sendo assim, e atalhando a continuação de taes indagações, que pelas leis são vedadas não só a estrangeiros, mas até áqueles portuguezes que se fazem suspeitos quando não são autoridades por ordem regias, ou com as devidas licenças dos governadores das respectivas capitanias. E confia finalmente S. A. R. que V. S.^a procederá a este respeito com a mais cautelosa circumspecção, dando logo immediatamente parte a S. A. R. de tudo que achar aos ditos respeitos, por esta secretaria d'Estado para que o mesmo Augusto Senhor possa dar as ultimas providencias, que exigem facto de tal natureza. Deus guarde a V. S.^a — Palacio de Queluz, em 2 de Junho de 1800. — *D. Rodrigo de Sousa Coutinho.*

Que tal, hein? Como documentação de ineptia e ignorancia atrevida é admiravel!

VI

Quando em 1808, D. João VI aportou ao Brasil já não o encontrou colonia feudal. O sofrimento de Tiradentes havia cimentado os alicerces de uma nação altiva e futura. A chegada da familia real ao Rio de Janeiro, depois de ter assinado na Baía a abertura dos portos do Brasil ás bandeiras de todas as nações amigas, marca uma época de prosperidades, e inicia, por assim dizer, a patriótica empresa da independencia.

Um ilustre escritor brasileiro, o doutor padre Fernandes Pinheiro diz a respeito:—«Organisou-se um banco para facilitar as operações de commercio; crearam-se novos tribunaes á imitação dos de Lisboa; promulgou-se o livre exercicio de todo o genero de industria e estabeleceu-se uma tipografia real, onde se começou a imprimir a *Gazeta do Rio de Janeiro*. Foi creada a juncta do commercio, agricultura, industria e navegação, afim de velar sobre estes importantes ramos do serviço publico. Instalaram-se as academias militar e de marinha, assim como uma eschola medico-cirurgica. Franqueou-se ao publico uma escolhida bibliotheca de mais de sessenta mil volumes; deu-se principio a quatro jardins botanicos; promoveu-se a cultura do chá, e de outras plantas exoticas, abriram-se novas estradas communicando com a capital e entre si as diversas e remotas provincias; erigiram-se muitas villas, e foram, n'uma palavra, mais fecundos esses poucos annos, do que os tres seculos de vida colonial.»

Os inglezes inundavam o Brasil com as suas mercadorias, expulsando os nacionaes; e *protegendo* o Bragança na America, tinham no governo dois famulos submissos, Linhares e Galveas, promptos a ceder-lhes tudo. Assinaram-se os tratados de 1810, ¹ que punham clara e evidente a politica dos interesses insulares, indirectamente servida pelas medidas de 1808. Nas alfandegas do Brasil havia manufaturas inglêsas para o consumo de dez annos, e era mistér salvar de uma ruina iminente os especuladores temerarios. Em 1815, em Viena, a Inglaterra, não satisfeita ainda, reclamava para si, além da Madeira, a ilha de Santa Catharina no Brasil e uma estação naval na costa; mas como Linhares e Galveas já tinham morrido, os inglezes não conseguiram o que queriam.

«Já então se dissipára na America o enthusiasmo nascido com a chegada do mandarinato portuguez. Quando D. João VI desembarcou, com os seus duzentos milhões de cruzados, com mais de quinze mil servos tauxiados de fitas e cruces, conselheiros, desembargadores, marquezes, condes e comendadores, monsenhores e conegos, e D. Maria I, doida — os brasileiros, no pasmo natural diante da frandulagem apparatusa da côrte, embriagaram-se, acreditando-se elevados a grandes alturas.

«Pouco a pouco foram, porém, vendo quanto valiam esses esplendores da metrópole. Os mandarins que sugavam

Portugal, apenas sabiam devorar tambem o Brazil. Parecia, primeiro, que a capital portugueza passara para o Ultramar, e com ella todas as virtudes e qualidades, verdadeiras ou suppostas, dos portuguezes na Europa; e via-se agora que portuguezes e brasileiros eram ambos victimas de uma familia de roedores dourados e fardados. A nuvem de gafanhotos que desde o XVII seculo devorava tudo em Portugal, pousava agora no Brazil para na propria casa o digerir mais á vontade. Os brasileiros, com a educação forte e natural do trabalho, começaram a perceber que não podia represental-os nem dirigil-os esse mandarinato portuguez; e que nada havia de commum entre elles e a côrte, composta de «um principe fraco e boçal, governando em nome de sua mãe louca; de uma princeza intrigante, prodiga e desregrada. de quem vivia separado pelas suas constantes infidelidades; e de um rapaz estouvado e ambicioso.» ¹ A desordem, a immoralidade, a baixeza, a dissipação da côrte; a venalidade dos mandarins, a subserviencia aos inglezes, e por fim a empreza do Uruguay (1817), fizeram rebentar um protesto antigo, para abafar o qual já em vão se declarára reino o Brazil (1815), *unido* a Portugal, que ficava nas condições de um senhorio brigantino na Europa.

«Independente de Portugal já se achava o Brazil desde 1808; os protestos de agora não se dirigiam contra o espectro do estado de colonia já historico: dirigiam-se contra a côrte, contra o mandarinato dos portuguezes que tinham ido para a America proseguir na sua vida da Europa. Era d'esses, e não do infeliz Portugal — mais opprimido, mais desgraçado, mais miseravel ainda sob o governo do proconsul Beresford — que os brasileiros queriam tornar-se independentes. Expulsar os hospedes importunos que tinham invadido a casa e governavam n'ella como cousa sua eis a significação das revoluções mallogradas de 1817, na Bahia e em Pernambuco.

«Porque não acudiram S. Paulo e Minas ao grito de independencia do norte? A revolução elaborava-se no centro com vagar, mas com firmeza, e veio a amadurecer ao tempo em que os acasos da politica da metrópole concorriam para precipitar a separação formal do Brazil.

¹ Gervinus.

Por um modo mais politico do que violento, mais habil sem deixar de ser audaz, José Bonifacio, o chefe do partido da independencia no centro do Brazil, explorando a ambição de D. Pedro e a temeraria nobreza do seu character, pôde conseguir o que os republicanos da Bahia e de Pernambuco não tinham podido: expulsar da America D. João VI, isto é, as influencias exoticas e anachronicas da côrte brigantina, que pretendia enxertar-se na arvore crescida da nação brasileira; expulsar D. João VI, surdo às instancias com que Portugal, restaurado em 20, reclamava o seu progresso á patria.

«Quem era José Bonifacio de Andrade?

«A maxima prova da constituição organica do Brazil no XVIII seculo é a sua fecundidade intellectual, que progride no principio da nossa era. Brasileiros eram na maxima parte os sabios e literatos portuguezes d'então. Brasileiros foram Antonio José, o *Judeu*, queimado por D. João V; ¹ Basilio da Gama, o autor do *Uruguay*; Durão; Gonsaga, o poeta da *Marília*; Costa, Alvarenga, ex-reus na conspiração de 1789. Brasileiros, os poetas Pereira Caldas e Moraes e Silva; Hypolito Costa, o patriarca do jornalismo; Azevedo Coutinho, primeiro economista portuguez; o geometra Villela Barbosa, o estadista Nogueira da Gama, o chimico Coelho de Seabra; Conceição Velloso, autor da *Flora fluminense*, e Araujo Camara, companheiro das viagens de José Bonifacio, esse chefe illustre dos fundadores da independencia nacional do Brasil.

«José Bonifacio nascera em Santos em 1765, e aos quinze anos chegava a Lisboa; aos vinte e cinco partia para a Europa central, estudar, sob a protecção do duque de Lafões. Ardia então em França a revolução, e o moço brasileiro não aprendeu na Europa as sciencias da natureza apenas: aprendeu como as sociedades se rebellam, como vencem, quando tem um proposito firme, uma força real e chefes audazes. José Bonifacio acaso desde então escolheu para si o papel de fundador do Brasil.

«Oito anos andou por fóra, seguindo os cursos mais celebres, ganhando um nome que ficou europeu na sciencia contemporanea. Em França ouviu as lições de Chaptal, de Fourcroy, de Joussieu e de Hany, o mineralogista

¹ *Hist. de Portugal* (4.^a ed.) II, pp. 251-62.

cuja companhia deixou para passar á Allemanha a frequentar Werner, o geologo da Freyberg, Lempe, Kæhler, Koltzsch, Freishen e Lampadius. Visitadas as minas da Alemanha, seguiu ás do Tyrol, da Styria, da Corinthia, e passando á Italia, ouviu em Pavia as lições de Volta. Subiu outra vez ao norte, onde foi aprender com Bergmann em Upsala, com Abilgaard em Copenhague. Nas suas viagens, nos seus estudos, ganhára um saber forte e uma reputação europêa. Fazia descobertas na mineralogia (a *petalite*, a *spodumene*, a *kryolite*, a *scapolite*, etc.) e ele Humboldt, von Buch, Esmark, del Rio, eram chamados os mestres da sciencia.

«Voltou por fim a Portugal, e foi feito *desembargador*: encarregaram-no de todas as cousas. Devia dirigir as mattas nacionaes e as minas, as obras do Mondego, o estabelecimento metalurgico de Figueiró, e ao mesmo tempo ensinar docimasia em Lisboa, mineralogia em Coimbra. A sua dedicação, a sua actividade, punham-se ao dispor da nação; mas Portugal era ao tempo uma sociedade miseravel de mais para receber uma direcção scientifica. O typo do desembargador tornara-se universal nos cargos, absoluto na inepecia e na somnolencia; e Andrade que carecia de acção e vida, embalde protestava, reclamava. Em Coimbra não havia collecção mineralogica — era impossivel dar lições!... Terminada a guerra dos francezes, em que Andrade combatera, achava-se Portugal entregue a essa Regencia anonima, méro instrumento de Beresford. A miseria e a inepecia, a vileza e a corrupção de uma terra de que a sua era vassala, fizeram-no regressar ao Brasil (1819); e não é ousadia afirmar que no seu espirito levava já firme e definido o plano da emancipação. Aos factos restava apenas indicar a fórma que a realisação da sua idéa devia tomar.

«O merecimento pessoal e a preponderancia eminente que esses factos deram a José Bonifacio na história da separação brasileira, concorreram com todas as causas anteriores para imprimir á nova nação uma phisionomia propria, entre as nações sul-americanas. Homem-de-sciencia, espectador visual dos peiores desvarios da revolução franceza, maduro em idade, forte em experiencia dos homens e das cousas, José Bonifacio não era um Bolivar; e a revolução brasileira tomou em suas mãos uma direcção diversa da que teria tido, se caminhasse ás ordens

de algum genuíno representante do antigo espírito paulista. Estadista e não soldado, mais habil do que audaz, mais forte do que ambicioso, o caudilho brasileiro viu na ambição irrequieta de D. Pedro, a quem a glória de Bolívar seduziu, um belo instrumento para levar a cabo a empresa da independência nacional, poupando a pátria às sangrentas crises em que a espada dos condottieri lançava às ex-colônias hespanholas.

«Rebentára, entretanto, em Portugal a revolução de 1820 e o Brasil inteiro aclamou, do outro lado do Atlântico, esse movimento em que mais ou menos definitivamente todos viam um novo passo andado no caminho da independência. Desde logo se delimitaram os partidos, e o regresso de D. João VI a Portugal, reclamado pelas côrtes, foi a pedrã de toque da divisão.»

Euclides da Cunha, o grande brasileiro, acertou dizendo que o passo de carga da invasão franceza, provocando factos mermoráveis, «lançava á nossa terra o unico estadista capaz de a transfigurar.» D. João VI era um mediocre com visões de predestinado. Injenuo e burguez, o inditoso filho de uma velha rainha louca e marido infeliz de uma femea coroáda teve uma virtude enorme como o seu corpanzil: consentiu agissem sobre o seu animo enfraquecido a vontade inquebrantavel de alguns homens superiores e patriotas esclarecidos.

D. João VI foi, talvez, sem o querer, o verdadeiro libertador do Brasil. Em 1815, elevando-o á categoria de reino iniciou a administração interna do país. A cultura do tempo honrava o nosso país em qualquer parte do mundo. Desaparecera aquele ambiente tôrpe que impedia aos Humboldt viessem ás terras virgens surpreender-lhes os seus segredos... Fez ditadura para bem da nação dispersa. Decretou leis que foram modelares.

VII

Foram acidentados os primeiros anos da Republica, Aristides Lobo, um dos primeiros governantes, afirmou que o povo fôra tomado de espanto ao grito deodoriano: — *Viva a Republica*. O federalismo derivado da influencia comtista começava a produzir os seus frutos nada

apetecidos. Apareceram as tendências oligarquicas nos Estados, de tão funestos sintomas. Nasceram as conspirações autocratisadas. Felizmente para a Republica, um homem appareceu a salvar-a dominando a situação, reprimindo os impetos da *élite* avassaladora do poder. Esse homem, para cuja memoria vae todo o meu respeito, era Floriano Peixoto, o *Marechal de Ferro*, como lhe chamou o seu grande historiador Euclides da Cunha. Ele, que o conheceu, é que nos vae dizer numa prosa de bronze, como a alma do seu heroe, tudo o que na historia ficará como testemunho eloquente e desapaixonado.

«No meio em que surgiu, o marechal Floriano Peixoto sobresaía pelo contraste. Era um impassivel, um desconfiado e um sceptico, entre entusiastas ardentes e ephemeros, no inconsistente de uma epocha volvida a todos os ideais, e na credulidade quasi infantil com que consideramos os homens e as coisas. Este antagonismo deu-lhe o destaque de uma gloria excepcionalissima. Mais tarde, o historiador não poderá explical-a.

«O heroe, que foi um enigma para os seus contemporaneos pela circumstancia clarissima de ser um excêntrico entre eles, será para a posteridade um problema insolúvel pela inopia completa de actos que justifiquem tão elevado renome. E' um dos raros casos de grande homem que não subiu, pelo condensar no ambito estreito da vida pessoal as energias dispersas de um povo. Na nossa translação accelerada para o novo regimen, ele não foi uma resultante de forças, foi uma componente nova e inesperada que torceu por algum tempo os nossos destinos.

«Assim considerado, é expressivo. Traduz de modo admiravel ao envez da sua robustez a nossa fraqueza. O seu valor absoluto e individual reflete na historia a anomalia algebrica das quantidades negativas: cresceu, prodigiosamente, á medida que prodigiosamente diminuiu a energia nacional. Subiu, sem se elevar — porque se lhe operára em torno uma depressão profunda. Destacou-se á frente de um país, sem avançar — porque era o Brasil quem recuava, abandonando o traçado superior das suas tradições...

(Continúa).

: Questionario :

CADEM nesta secção todas as questões de utilidade geral em versões de assuntos e temas scientificos e de conhecimentos praticos, das em forma de questionario. As perguntas e respostas devem ser escritas só dum lado do papel, e assinadas como se quizer, com nome ou pseudónimo; porém, pelo que respeita ás perguntas, devem elas vir sempre acompanhadas com indicação do numero e nome do socio da Universidade Livre, que as faz, e do qual só o director tomará conhecimento. A fim de facilitar as referencias, convêm que nas respostas se indique sempre o numero da pergunta correspondente.

O maior laconismo possivel, compativel com a natureza e compreensão do assunto, certamente convirá a todos — ao BOLETIM e aos correspondentes.

Sendo a Universidade Livre uma instituição de ensino mutuo, a direcção pede encarecidamente a todos os socios que tiverem conhecimento do assunto de qualquer pergunta o obsequio de enviarem logo as suas respostas, as quais serão todas publicadas desde que não tragam algum reclamo especial com prejuizo de qualquer.

Perguntas:

— **Teatro espanhol.** — Muito grato ficaria se me aconselhassem no sentido de lêr as melhores obras dos dramaturgos e comediogros espanhoes; indicando-me sumariamente o valor e interpretação das mais importantes. — *Teatrofilo.*



— **Jogos de azar.** — Pode algum consocio indicar-me obras que tratem sobre calculo de probabilidades abordando os jogos de azar?

Algumas referencias criticas sobre o seu valor tambem me prestariam serviço. — *Curioso.*



— **Telepatia e grafologia.** — De-sejava saber se a grafologia se classifica como uma sciencia e quais os livros que se devem compulsar para um conhecimento regular desse assunto.

Se ha outras sciencias ou meias sciencias que se prendam com o estudo do caracter e até que ponto devem ser consideradas accitaveis e quais os tratadistas que melhor teem abordado esses assuntos.

Noto que o motivo telepatia me merece especial interesse e muito grato ficaria por uma referencia particular a esse respeito. — *Psicologo banal.*

Balancête do mês de Novembro de 1915

DEVE (Receita)

Saldo do mês de Outubro		148\$23,5
Subscritores:		
Cobrança deste mês	111\$88	
Efectivos:		
Idem.....	6\$40	
Subsidios:		
Da Camara Municipal.....	20\$00	
Da Assistencia	15\$00	
Do Ministerio da Instrução	33\$32	68\$32
Cartões de identidade:		
Vendidos	3\$10	
Matriculas:		
Neste mês	15\$80	
Publicações:		
Vendidas	11\$41	
Gastos gerais:		
Recebido de José Fernandes	1\$50	218\$41
		<u>366\$64,5</u>

HAVER (Despeza)

Rendas adiantadas:		
Mês de Dezembro	35\$00	
Devedores e credores:		
Montepio Industrial e Comercial	32\$43,5	
Gastos gerais:		
Deste mês.....	43\$95,5	
Publicações:		
Factura de Eduardo Rosa.....	20\$80	
Percentagens:		
Aos cobradores de Lisboa.. ..	11\$76,5	
Moveis e utensilios:		
Uma peanha.....	1\$20	
Propaganda:		
Varias publicações	1\$90	
Obrigações:		
Sorteio e pagamento da n.º 73	5\$00	152\$05,5
		<u>214\$59</u>
	Saldo para Dezembro.....	<u>366\$64,5</u>